

RELATO DE PESQUISA - EIXO 1 - PRÁTICAS E SABERES QUE VÊM DAS
MARGENS

**TRABALHO, RENDA E AUTONOMIA: CAMINHOS DO POVO WARAO EM
JOÃO PESSOA**

Thaís Munholi Raccioni (thaism.raccioni@gmail.com)

Thiago Souza Santos (thiagosantospsi8@gmail.com)

Laura Paz De Araújo Silva (laurapazaraujo@gmail.com)

Juliana Sampaio (julianasmp@hotmail.com)

Lanna Carolyna Vieira Da Costa (costa.carolyn@gmail.com)

Anselmo Clemente (anselmo.clemente1@gmail.com)

Desde 2019, o povo indígena Warao vive em João Pessoa, em condição de refúgio, deslocado de seu território originário na Venezuela. Buscam melhores condições de vida em um país enraizado na colonialidade, onde a precarização da vida é estrutural. O Estado cria dispositivos que mitigam violações e tutelam o processo diaspórico Warao. Este trabalho cartográfico analisa o processo de ressignificação do modo de vida Warao na dimensão do trabalho. Compõe um estudo vinculado à pesquisa intitulada Práticas e saberes que vêm das margens: produção de cuidado em territórios de João Pessoa, aprovada no comitê de ética da Universidade Federal da Paraíba. A pesquisadora-trabalhadora realizou 11 meses de imersão no campo, o Centro de Migrantes e Refugiados da Paraíba (CERMIR) e espaços independentes, registrada em diário cartográfico. O processamento analítico ocorreu no grupo de ensino-

pesquisa-extensão ApoiaRAPS, encruzilhando conceitos-ferramenta como contracolonialidade e interseccionalidade. A estrutura urbana fragiliza práticas tradicionais como pesca e agricultura; o artesanato encontra barreiras para circular. O trabalho Warao tem sido: coleta de dinheiro nos semáforos, venda de artesanato e subempregos. As intervenções do CERMIR na Educação ampliaram o acesso à Educação de Jovens e Adultos/as (EJA) e contratações como educadores/as-bolsistas. Por outra via, dispositivos de estruturação passaram a compor o fluxo de reinvenção da vida: aprender a fazer currículo, manejo bancário, uso de QR/Pix e redes sociais. O trabalho, para os/as Warao, significa sobrevivência e afirmação identitária no processo diaspórico. Suas estratégias inventivas e micro resistências no cotidiano, no campo macroestrutural brasileiro, escancaram a urgência das políticas de reparação das violências estruturais que atravessam os/as indígenas no Brasil. O refúgio não apagou o projeto de aniquilação colonial que marca seus corpos. Assim, consolidar o direito ao trabalho digno junto aos/às Warao exige reconhecer seu devir indígena, migrante e refugiado/a.

Palavras-chave: migração; indígenas; warao.